

LUGAR DE ESCUTA COMO ESTRATÉGIA PARA O PLANEJAMENTO DE PRÁTICAS EXTENSIONISTAS: UM DIÁLOGO PARA ALÉM DOS MUROS DAS INSTITUIÇÕES

*Lugar de Escuta as a Strategy for Planning
Extension Practices: A Dialogue Beyond the Walls of
Institutions*

Isadora Martins Almeida¹

Paulo Sergio Calefi²

Resumo: O estudo aborda a implementação do "Lugar de Escuta" e o "Pamonhar" como uma estratégia para o planejamento de práticas extensionistas com o objetivo de promover o diálogo entre as instituições educacionais e as comunidades externas, promovendo uma educação que transcende os muros acadêmicos. Com uma metodologia que valoriza a escuta ativa e a participação comunitária, busca-se compreender e interagir com as necessidades específicas, enfatizando o empoderamento feminino. Fundamenta-se na ideia de que a educação, especialmente a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), promove ao estudante uma formação integrada e politécnica, assim como fornece as competências necessárias para agirem como agentes transformadores em seus contextos sociais e profissionais. A pesquisa demonstrou a importância da prática extensionista para um grupo de mulheres da comunidade da Vila Garcia em Sertãozinho-SP, contribuindo assim para a formação de cidadãos críticos. Para a pesquisa, os dados foram coletados pela observação da territorialidade, pelo registo em diário de campo dos diálogos com os participantes e do "Pamonhar" e interpretados pela Análise de Livre Interpretação. Os resultados mostram que a prática fundamentada no Lugar de Escuta, como uma arte de compartilhar saberes e fazeres de maneira colaborativa e acolhedora, enriquece o ensino (e a aprendizagem), a pesquisa e a extensão e, no caso deste estudo, promoveu uma formação que fez sentido para as participantes.

Palavras-chave: extensão; lugar de escuta; pamonhar; empoderamento feminino.

¹ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), Instituto Federal de São Paulo, IFSP - *Campus* Sertãozinho, Licenciada em Química, Universidade de São Paulo, *Campus* Ribeirão Preto - FFCLRP/USP, martins.isadora@hotmail.com

² Doutor em Química, Docente e Diretor, Instituto Federal de São Paulo - IFSP - *Campus* Sertãozinho, celefi@ifsp.edu.br

Abstract: *The study discusses the implementation of "Lugar de Escuta" and "Pamonhar" as a strategy for planning extension practices, with the aim of promoting dialogue between educational institutions and external communities, promoting education that goes beyond academic walls. With a methodology that values active listening and community participation, it seeks to understand and interact with specific needs, emphasizing female empowerment. It is based on the idea that education, especially Professional and Technological Education (EPT), provides students with integrated and polytechnic training, as well as the necessary competencies to act as transformative agents in their social and professional contexts. The research showed the importance of extension practices for a group of women from the Vila Garcia community in Sertãozinho-SP, thereby contributing to the formation of critical citizens. The use of territorial observation, field notes, reports, recording of dialogues/discourses, and Pamonhar, as a data collection tool, through Free Interpretation Analysis, demonstrate that practices based on Listening Spaces, as an art of sharing knowledge and doing things collaboratively and welcomingly, enrich research and extension, promoting meaningful education for the residents.*

Keywords: *extension, space for listening, territoriality, female empowerment.*

INTRODUÇÃO

A educação desempenha um papel transformador, capaz de promover mudanças significativas nas vidas das pessoas e nas comunidades em que estão inseridas, proporcionando apoio e oportunidades de desenvolvimento a indivíduos que enfrentam desafios únicos em suas trajetórias. No contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essa transformação é ainda mais significativa, especialmente no empoderamento feminino. A EPT, ao integrar conhecimentos técnicos, científicos e culturais, oferece às mulheres a oportunidade de conquistar maior autonomia econômica, social e profissional (Brasil, 2007). Esse processo formativo não só contribui para o fortalecimento de suas habilidades, mas também amplia sua capacidade de participação crítica e ativa na sociedade, potencializando sua inserção em diversos campos de atuação.

Neste sentido, torna-se necessário realizar pesquisas voltadas para a criação de ações reais dentro das comunidades, de modo que, por meio da educação, seja possível fomentar a emancipação e o empoderamento de meninas e mulheres. Assim, buscamos identificar e compreender de que forma as necessidades da comunidade externa podem direcionar a implementação de atividades de formação e pesquisa.

Para que tais iniciativas sejam efetivas, é fundamental adotar uma abordagem que priorize o diálogo e a escuta ativa. Conforme destaca Moura (2016), a escuta está relacionada com a “arte de escutar”, e o conceito de “Lugar de Escuta” refere-se a um espaço de constante aprendizado e movimento, onde se aprende a ver, ouvir e viver. Nesse contexto, o Lugar de Escuta não se limita aos muros institucionais, mas se projeta para além deles, promovendo uma conexão com as comunidades externas. Essa prática possibilita a construção de vínculos reais e o entendimento das demandas e potencialidades locais, essenciais para o sucesso de projetos comunitários.

As ações de extensão, que junto com o ensino e a pesquisa, formam o tripé que sustenta diversas modalidades educacionais, compreendem um processo educativo no qual ações formativas, culturais, artísticas, desportivas, científicas e tecnológicas promovem a relação dialógica entre as Instituições de Ensino e a comunidade externa. Assim, indissociável ao Ensino e à Pesquisa, a Extensão configura-se como uma dimensão formativa.

Nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), ações de Extensão complementam e enriquecem significativamente a formação de estudantes da Educação Profissional de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio (Ensino Médio Integrado ou Educação Profissional e Tecnológica - EPT), contribuindo com o processo educativo de formação integral.

Incorporada na EPT, a extensão como componentes essenciais, evidenciando seu compromisso com uma formação abrangente, que ultrapassa os limites do conhecimento técnico-profissional. Nesse contexto, a EPT em conjunto com a extensão, possui o intuito de formar pessoas capazes de exercer e atuarem em suas diversas profissões, e serem atores sociais, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, engajados e plenamente integrados ao seu entorno social e profissional.

A extensão envolvendo a sociedade, proporcionam uma relação recíproca de

diálogo entre conhecimentos acadêmicos, conhecimentos tradicionais e populares, enriquecendo o processo educativo e possibilitando a formação de consciência crítica tanto da comunidade interna das Instituições de Ensino Superior (IES), quanto dos diversos atores sociais envolvidos.

Portanto, a extensão que almejamos deve ser trabalhada como uma atividade que carrega o propósito de interagir ativamente na sociedade. A extensão é caracterizada por sua natureza propositiva, a extensão está alinhada com o Lugar de Escuta, um espaço que, em meio à agitação moderna, promove a prática ativa de escutar, transcendendo a mera audição passiva. Diante dos desafios, a escuta autêntica emerge como uma ferramenta para compreender as necessidades e desafios das pessoas, fortalecendo as vozes da comunidade.

Focando no público-alvo feminino como agente transformador, o projeto foi idealizado a partir do incômodo alarmante com os índices de violência e negligência que persistem no Brasil, intensificados ainda mais durante a pandemia, motivando o desenvolvimento de uma iniciativa com a comunidade.

A Vila Garcia foi identificada como um local propício para o desenvolvimento de projetos, refletindo um compromisso que transcende o âmbito acadêmico, com foco na contribuição social e no fortalecimento de vínculos com a comunidade. Apesar do distanciamento da instituição acadêmica, reconheceu-se o potencial da Vila Garcia e adotou-se uma atuação sensível para promover o empoderamento das mulheres, estabelecendo um diálogo efetivo entre a comunidade e o Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

É essencial evitar a romantização dos projetos de extensão e reconhecer que as questões relacionadas ao empoderamento feminino demandam ações mais amplas e abrangentes, como a implementação de políticas públicas efetivas e o enfrentamento do capitalismo.

Neste percurso, foi fundamental reconhecer que as soluções não seriam imediatas, e se quer conseguiríamos chegar em alguma, e não era o objetivo, pois a construção com seus atravessamentos que era o ponto chave, e que o trabalho conjunto demandaria tempo, paciência e comprometimento de todas, e apesar da busca por políticas públicas efetivas ser um complemento necessário para o fortalecimento da comunidade, não podemos subestimar o papel da educação e da atuação local como ferramentas de transformação, pois desempenha um papel fundamental em todas as esferas da sociedade, inclusive na promoção do empoderamento feminino.

O compromisso com a Vila Garcia e suas mulheres foi pautado na escuta, no respeito, no diálogo e na responsabilidade social. Reconheceu-se que o caminho não seria fácil, mas houve disposição para enfrentar os desafios apresentados e aprender com cada experiência vivida.

No âmbito do programa do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProEPT), desenvolvemos um Produto Educacional (PE) denominado VilaCast, um podcast concebido para estimular reflexões educacionais de maneira acessível e flexível, que pode ser acessado pelo *link* <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/869560>. Por meio desse canal de comunicação, almejamos alcançar um público diversificado, proporcionando a audição dos episódios durante as

atividades cotidianas. Reconhecemos as limitações da ferramenta, como a necessidade de internet e dispositivos móveis, mas buscamos tornar o PE mais inclusivo, com espaço para adaptações e contribuições futuras.

Levando em consideração o exposto, este trabalho relata percurso percorrido em busca da resposta à seguinte questão de pesquisa:

Como atingir as populações em suas realidades tão diversas pensando a territorialização com um projeto de cultura e extensão para a sensibilização da emancipação e empoderamento de mulheres?

REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, a educação profissional no Brasil foi marcada pela dualidade entre a prática e o conhecimento, sendo a educação propedêutica para os filhos das elites e a técnica para os filhos da classe trabalhadora, sendo a última classe a utilização como mecanismo de regulação para manter a ordem e os bons costumes em sociedade. Posteriormente com o avanço do sistema Capitalista, a formação da educação profissional dos trabalhadores serviria como instrumento de manutenção das classes sociais destinadas para atender as necessidades do mercado de trabalho (Brasil, 2007).

De acordo com Ramos (2010), a EPT busca a formação humana que promova a integração das dimensões ontológicas do trabalho, como o advento educativo, a cultura e a ciência no processo formativo, possibilitando a compreensão do processo histórico de produção científica, tecnológica e cultural dos grupos sociais.

Portanto, refletir a respeito de uma formação integrada que seja mais humana é criar uma possibilidade de condição para o indivíduo se identificar como sujeito social e de direitos, que consiga compreender de maneira crítica e reflexiva o mundo, a fim de tentar romper as condições de dualidade nos processos que mediatizam sua vida.

Nesse sentido, a perspectiva de Freire é a chave para busca do entendimento do papel dos projetos sociais diante desse momento que estamos vivendo quando se fala de vulnerabilidade social. Portanto Freire nos dizia que o conhecimento se constrói a partir do diálogo e sendo a arte e cultura a expressão máxima da realização humana, inclusive trabalhou com a ideia de que o Círculo de Cultura seja um caminho a trilhar, esse é um conceito que surgiu na experiência dos processos de alfabetização em 1960.

Para Freire (2003) o Círculo de Cultura parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo, princípio básico e indispensável à prática pedagógica democrática. Estas são características dos Círculos de Cultura - o diálogo, a participação, a experiência, o respeito ao outro, ao trabalho em grupo, o incentivo à participação dinâmica de um constructo contínuo. Os Círculos de Cultura são espaços no qual se ensina e se aprende. Espaço em que a preocupação esteja no despertar de uma nova forma de construção do conhecimento de forma coletiva, por meio de experiências vividas.

Dessa forma a extensão passa ser pautada nesse momento na dialogicidade entre a IE e a sociedade. Esses dois atores têm saberes para compartilhar. Tem o saber sistematizados e o saberes populares ou saberes na prática dos grupos sociais. Portanto é nessa troca de saberes e diálogo com a sociedade que é efetivada a extensão. Para

Freire a extensão deve ir além:

[...] a "educação como prática da liberdade" não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a "perpetuação dos valores de uma cultura dada"; não é o "esforço de adaptação do educando a seu meio". Para nós, a "educação como prática da liberdade" é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes. Educador-educando e educando-educador, no processo educativo libertador, são ambos sujeitos cognoscentes diante de objetos cognoscíveis, que os mediatizam. Poder-se-á dizer, e não têm sido poucas as vezes que temos escutado: "Como é possível pôr o educador e o educando num mesmo nível de busca do conhecimento, se o primeiro já sabe? Como admitir no educando uma atitude cognoscente, se seu papel é o de quem aprende do educador?". (Freire, 1978, p. 53).

Nesse ponto, a extensão carrega o sentido de receber o influxo, e a Instituição de Ensino é retroalimentada, significando um processo de aprendizagem mútuo. Rompendo com a ideia de que a IE detém o saber e compartilha esse saber com a sociedade, passa a fundamentar-se em uma troca de saberes, onde ambos, instituição e sociedade, tanto podem disponibilizar quanto adquirir conhecimentos. Esta construção de conhecimento a partir do diálogo não hierarquizado se assemelha com a ideia de Círculos de Cultura trabalhada por Paulo Freire.

O "Lugar de Escuta" concretiza as ideias de Paulo Freire sobre educação como prática dialógica e emancipadora. Ao invés de se basear em um processo unidirecional de imposição de saberes, essa abordagem valoriza o diálogo como processo educativo, onde educador e educando são igualmente sujeitos cognoscentes em uma construção coletiva e transformadora. Nesse espaço, a escuta ativa e mútua é como ferramenta para a troca de saberes e para o reconhecimento das experiências e vozes de todos os envolvidos. Dessa forma, promove-se a emancipação individual e coletiva, por meio de relações educativas fundamentadas na empatia, no respeito e na construção conjunta do conhecimento. O Círculo de Cultura de Paulo Freire se apresenta como uma possibilidade para a prática extensionista ao enfatizar a construção do conhecimento por meio do diálogo e da participação ativa de todos os envolvidos. A prática extensionista, assim como o Círculo de Cultura, é fundamentada na horizontalidade das relações, onde educadores e educandos se colocam como sujeitos do saber.

Contudo, surgem indagações de que sem a prática da escuta, como poderemos acolher a dor do próximo, e como poderemos transcender as barreiras individuais e estabelecer um espaço propício para a reflexão coletiva? Como educadores, como podemos acolher as angústias e aflições de nossos alunos e colegas e, acima de tudo, como nos conectaremos, de forma empática e solidária, com as vidas que se desdobram além do nosso círculo familiar? E as instituições de ensino, como se conectar com as comunidades?

Nossa tarefa como educadores é mais do que mediação dos conhecimentos, é também compreender as realidades e experiências dos estudantes que se estendem para além das paredes da sala de aula. Já as instituições de ensino superior são mais que desenvolvimento de ciências, é também buscar entender e envolver as comunidades para possibilitar o sentimento de pertencimento e importância de ambos nos espaços.

Atualmente, onde o ruído do mundo moderno pode apagar as vozes mais vulneráveis, torna-se imprescindível estabelecer um lugar de escuta autêntica. Essa dialética entre lugar de fala e lugar de escuta é essencial para enfrentar os confrontos que surgem em nosso percurso como educadores. A escuta atenta nos permite compreender suas necessidades, anseios e desafios, abrindo caminho para o desenvolvimento de uma prática mais efetiva e transformadora, sendo a porta de entrada para a compreensão mútua, onde é esse intercâmbio sincero empático e para o exercício do diálogo que nos permite diminuir o silêncio com as pessoas que elegemos dignas de nossa atenção.

É por meio da escuta genuína que nosso lugar de fala se torna enriquecido e amplificado, pois só quando abrimos espaço para escutar as vozes silenciadas, é que nosso discurso pode ecoar, confrontando o cotidiano com sensibilidade e abertura, abraçando a diversidade e a riqueza das experiências humanas, construindo um ambiente propício para o crescimento mútuo, solidarizando com a busca incessante por uma educação que promova uma sociedade mais justa, onde as vozes das pessoas não sejam ignoradas, mas acolhidas com compreensão e empatia para buscarmos ações transformadoras.

Esse princípio de construção comunitária e cultural é também evidente nas tradições e saberes ancestrais, emerge uma prática culinária que transcende o simples ato de preparo de um alimento. Dentre os diferentes costumes preservados, o consumo dos alimentos tradicionais que não se prende exclusivamente à necessidade, mas à sociabilidade, à cultura, às crenças e aos hábitos arraigados nos grupos sociais. Ao analisarmos a relação entre os alimentos tradicionais e o território, é pertinente abordá-los como expressão da cultura, evidenciada nas práticas sociais e no saber fazer herdado pela humanidade. É importante destacar que a cultura representa uma complexa teia, incluindo conhecimentos, costumes, artes, crenças, cultos religiosos, literatura popular, danças e hábitos de determinado grupo (Menezes, 2021).

Para que se desenvolva um processo respeitoso de trocas culturais e construção de conhecimento em projetos de extensão, de ensino e de pesquisa propomos uma analogia ao ato de produção artesanal de pamonha, um quitute brasileiro feito de milho verde. No processo de produção desse alimento, ocorre uma colaboração harmônica. Envolve responsabilidades como o corte do milho, seleção da palha e escolha das espigas em bom estado, além disso, o milho, já limpo, é manualmente ralado. A elaboração da iguaria inclui o preparo da massa, dos recheios e o envolvimento de diversos participantes na montagem e diferenciação das pamonhas salgadas e doces, e por fim, as pamonhas são cozidas em panelas de alumínio com água fervente.

Neste contexto, o "Pamonhar" seria as nuances nos diálogos e escutas que se criavam durante a produção da pamonha em um quintal, onde as pessoas discutem e compartilham receitas, procedimentos e estratégias culinárias, atualizavam as novidades e acontecimentos, compartilhando risadas e esperança de dias melhores, ouvindo música caipira em uma boa interação. Ali já não existia hierarquia para se falar e para ser ouvido, sendo a materialização de um espaço onde as vozes são ouvidas e respeitadas, e onde o ato de preparar pamonha transcende o culinário.

Assim, o Pamonhar simboliza o trabalho coletivo não hierarquizado com

compartilhamento de saberes e experiências. Utilizado como uma estratégia para o Lugar de Escuta, onde se reforça a importância da educação dialógica, onde não há hierarquia, mas um espaço de colaboração. Essa prática, ligada à construção de conhecimento e ao fortalecimento de laços comunitários, se insere na busca por uma educação transformadora.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi estruturada para captar as dinâmicas da comunidade da Vila Garcia, em Sertãozinho, por meio de técnicas como diário de campo, observação direta e depoimentos para coletar dados.

O diário de campo possibilita registrar reflexões, *insights* e situações imprevistas, possibilitando registrar os relatos, observações e encontros, esses registros contribuíram também para a análise das narrativas dentro da criação da ferramenta de pesquisa nomeada de "Lugar de Escuta". Esta abordagem consolidou-se nos encontros realizados durante o minicurso de sabonete artesanal, que se tornou um espaço privilegiado para o diálogo e o compartilhamento de experiências entre as mulheres da comunidade.

No primeiro momento, a observação foi utilizada para acompanhar as interações e como comportamentos no campo e foram analisados aspectos como as moradias, os padrões de ocupação, os espaços públicos e as atividades de lazer, fornecendo um panorama inicial das dinâmicas locais. Em seguida, já no segundo momento, foram identificadas as instituições públicas e as principais adversidades, como desafios de infraestrutura e socioeconômicos.

Após a etapa de observação, o Lugar de Escuta foi consolidado durante o minicurso de sabonete artesanal com as mulheres da Vila Garcia. Realizado em três meses, com dois encontros semanais, o minicurso envolveu 13 participantes, com idades entre 49 e 73 anos, em 30 horas de atividades. A pesquisa foi apoiada pelo CRAS IV, identificado como um parceiro estratégico no atendimento às mulheres em situação de vulnerabilidade. Sendo assim, as atividades incluíram boas práticas de higiene durante a pandemia, uso de ingredientes naturais, técnicas manuais e a criação de sabonetes personalizados, conectando essências e cores a aspectos culturais. Além disso, foram abordadas proporções, medições intuitivas e fotografia para apresentação criativa dos produtos.

Já os depoimentos foram coletados durante as atividades alinhadas com o Pamonhar, foram essenciais para entender suas percepções e narrativas, fornecendo dados sobre suas demandas e experiências, permitindo ouvir, compreender e registrar as histórias e perspectivas de sujeitos cujas vozes frequentemente invisibilizados nas dinâmicas sociais. Essas estratégias, integradas à Análise de Livre Interpretação (ALI), cunhada por Anjos, Rôças e Pereira (2019), reconhecem e respeitam a subjetividade do pesquisador, ampliando a interpretação e a compreensão do contexto social das participantes. Ademais, foram realizadas entrevistas com responsáveis pela extensão do IFSP, assistentes sociais e moradoras da comunidade, explorando a história local, as características do território e possibilidades de continuidade da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa teve início com o uso da observação como método de coleta de dados, permitindo uma compreensão do território da comunidade da Vila Garcia. Por exemplo, várias casas noturnas administradas por profissionais do sexo, estão localizadas ao longo da única rua de acesso, criando uma associação estigmatizada com a prostituição. Algumas residências, para evitar o estigma, colocam placas de "chácara familiar", sinalizando a tentativa de se distanciar dessa prática. Essa percepção também é apresentada pelas participantes (em outro momento da pesquisa), que são frequentemente rotuladas como envolvidas, mesmo sem serem. expondo as tensões entre o estigma social da prostituição e a necessidade de se afirmar dentro dos ditos "padrões de moralidade". Além disso, foi observada a ausência de escolas, creches, transporte público e posto de saúde, mesmo com a presença de várias crianças nas ruas, o que agrava ainda mais as condições de vulnerabilidade da comunidade. Esse primeiro estágio visou capturar as particularidades do local e as dinâmicas que caracterizam o espaço investigado. Segundo Milton Santos, "Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território" (Santos, 2007, p.107).

O território, entendido como o espaço onde os indivíduos habitam, trabalham e vivenciam suas trajetórias, está intrinsecamente ligado ao processo de produção social. A vida humana não ocorre isolada de um contexto espacial ou histórico; é nesse contexto que o território é reconhecido como o substrato das interações sociais. Nele, as classes sociais se formam e interagem, moldando suas próprias identidades e os ambientes onde residem. Assim, o valor e o espaço, especialmente o valor de troca, estabelecem conexões que incidem sobre as complexidades do sistema de produção capitalista ao longo dos últimos séculos.

Os territórios são produtos contínuos da construção e reconstrução promovidas pelas interações entre os indivíduos e os ambientes que ocupam. Essas interconexões estabelecem redes complexas de mediação que desempenham um papel fundamental na configuração e manutenção da vida social, econômica, política e cultural em diversas localidades (Santos, 2009).

O espaço, em sua dimensão temporal, apresenta rugosidades que são legados do passado (Santos, 2000). O território da comunidade, enquanto fruto de experiências individuais e coletivas, reflete uma história marcada por lutas intensas. Por meio de depoimentos e entrevistas com as moradoras mais antigas, soubemos que o local foi inicialmente ocupado por elas e transformado em um assentamento do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra. A regularização desse espaço foi um processo demorado, que exigiu décadas de esforço, manifestações e batalhas. Somente através de muita luta conseguiram assegurar direitos básicos, como acesso à água e energia, garantindo finalmente o reconhecimento e a dignidade para aquele território, cujas marcas do passado ainda permanecem presentes na realidade atual.

A ideia de indissociabilidade entre espaço e tempo está vinculada às dinâmicas sociais e às construções da sociedade humana, bem como aos processos que ocorrem na realidade material da vida das pessoas. Isso engloba as interações das diferentes

classes sociais, as formas concretas de trabalho e os modos de vida, todos influenciados por um conjunto de técnicas e fatores históricos determinantes. O espaço territorial é onde a história se manifesta, não como uma mera sequência cronológica, mas como uma experiência histórica que abarca aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais, os quais impactam diretamente o lugar e, por conseguinte, a vida das pessoas.

A importância do território como determinante na dinâmica social e nas identidades dos indivíduos e a mudança na compreensão das periferias tem sido fundamental, sendo que, ao longo das últimas décadas, as periferias têm sido progressivamente vistas não mais apenas como espaços de carência, mas como locais de vitalidade, resistência e produção de saberes. A comunidade da Vila Garcia, como muitas outras, é exemplo dessa transformação, sendo um território com um forte sentimento de pertencimento e identificação, características que podem ser relacionadas ao fenômeno do orgulho periférico.

No entanto, para os profissionais do ensino e as instituições educacionais que buscam estabelecer uma aproximação com as demandas e potencialidades das periferias, enfrentar desafios. É necessário um deslocamento das práticas institucionais para uma agenda mais próxima do território, reconhecendo a importância de incorporar a realidade cotidiana no planejamento e execução das atividades educativas, sendo fundamental, reconhecer os saberes locais como igualmente válidos e promover espaços para que essas comunidades expressem suas necessidades, aspirações e potencialidades.

Nesse sentido, três movimentos essenciais se destacam: a desnaturalização do olhar, a valorização da diversidade sociocultural e o fortalecimento do protagonismo das comunidades periféricas. Desconstruir percepções estereotipadas, reconhecer a riqueza dos saberes locais e promover a participação ativa das comunidades são passos fundamentais para uma atuação extensionista eficaz.

Em seguida, com o Lugar de Escuta, revelou-se como um instrumento sensível para captar não apenas os aspectos tangíveis do contexto, mas também as vozes e experiências subjetivas das participantes. Nesse sentido, o projeto representou um movimento em direção a uma transformação, em que a atuação na periferia deixou-se de ser vista como um modelo de caridade ou benemerência e passou a ser estruturada sobre os pilares da escuta ativa e da participação efetiva. Isso permitiu a valorização dos saberes locais, o fortalecimento do protagonismo das participantes e a promoção de uma prática mais significativa. Reconhecer as periferias como parte integral da cidade, com sua própria força e vitalidade, e estabelecer uma relação respeitosa e colaborativa com essas comunidades é um passo fundamental para desnaturalizar percepções estereotipadas, ampliando horizontes e promovendo uma prática extensionista que, além de educativa, seja transformadora. Assim, estabeleceu-se um espaço de diálogo entre as participantes e a instituição, fortalecendo a relação de troca e o engajamento mútuo.

O minicurso abrangeu desde práticas de higiene na fabricação artesanal de sabonetes até questões relacionadas aos impactos socioculturais das preferências estéticas e das normatizações de gênero. Ao contextualizar os conceitos técnicos na realidade cotidiana das participantes, possibilitou-se uma compreensão mais prática e

aprofundada dos temas. Esse diálogo gerou maior confiança entre as participantes, incentivando-as a questionar as construções sociais que influenciam suas vivências e, ao mesmo tempo, funcionou como um catalisador para a expressão tanto individual quanto coletiva, desafiando padrões normativos.

Assim, o minicurso, à medida que se desenvolvia, foi sendo moldado pelas próprias iniciativas e interesses das participantes. Um exemplo claro dessa autonomia ocorreu durante a discussão sobre embalagens, que inicialmente, considerou-se o uso de plásticos como material de embalagem, mas as participantes demonstraram interesse em desenvolver alternativas sustentáveis. Durante o Pamonhar foi se compartilhando memórias, onde recordaram que a folha de bananeira era tradicionalmente utilizada como embalagem em doces, preparos de peixes e em pratos da culinária, como o próprio preparo da pamonha.

No dia seguinte, por iniciativa própria, elas expressaram o desejo de experimentar o uso das folhas de bananeira para embalar os sabonetes e, inclusive, chegaram com diversas folhas colhidas diretamente de seus quintais, refletindo o desejo de resgatar práticas ancestrais com uma abordagem sustentável. Ao longo dos encontros, as participantes não apenas construíram seus próprios interesses dentro do curso, mas também foram apropriando-se do desenvolvimento do minicurso de acordo com suas preferências, ganhando confiança e segurança para implementar essas mudanças.

O processo de aprendizagem, alinhado ao conceito do Lugar de Escuta, evidenciou que as consequências desejadas provenientes do Pamonhar devem ser vividas na prática e não se limitar apenas a uma teoria que também estava sendo pesquisada. Esse espaço permitiu que se apropriassem das atividades de forma que fizessem sentido para elas, promovendo um ambiente de experimentação, fortalecimento da autonomia e criação. Nesse contexto, o conceito de empoderamento, adaptado por Paulo Freire, destaca a necessidade de proporcionar autonomia às minorias oprimidas. É um processo contínuo e coletivo, necessário para a emancipação dos grupos marginalizados.

Com a proximidade da Páscoa, surgiu a ideia de criar sabonetes temáticos, para a qual foram adquiridos materiais como chocolate, formas e itens de papelaria. Contudo, ao apresentar a proposta, uma participante expressou, de forma sincera, que seu interesse estava nas flores, não nos sabonetes de chocolate. Esse feedback foi prontamente acolhido e, atendendo ao desejo do grupo, flores de camomila seca foram compradas em uma vendinha local.

Além disso, esse momento foi o ponto alto do minicurso, pois evidenciou a confiança e empoderamento das participantes. Já se expressando sem receios, elas foram sinceras em relação ao processo, elas expressaram seu interesse por flores, e não o chocolate. A partir disso, compartilharam seus conhecimentos sobre as flores, suas propriedades medicinais e como poderiam incorporá-las na fabricação dos sabonetes, enriquecendo significativamente o desenvolvimento do projeto.

Essa experiência trouxe uma lição importante que, o projeto precisava ser entendido como um espaço coletivo sempre, onde a escuta ativa das participantes fosse fundamental em todas as fases do processo. A proposta original daquele encontro, formulada de maneira individual, não havia considerado os reais interesses e as

identidades das participantes, por não ter consultado previamente. No entanto, o aprendizado ao longo do minicurso demonstrou que o verdadeiro valor do projeto reside na capacidade de refletir os desejos coletivos, respeitar as contribuições e valorizar os saberes de todas as envolvidas. Esse encontro, em particular, consolidou a ideia de que o projeto ganha força quando se adapta às necessidades das participantes e é de total interesse delas, promovendo seu protagonismo e fortalecendo sua autonomia. As atividades foram moldadas e construídas por elas, reforçando a importância do Lugar de Escuta como uma ferramenta essencial para que suas vozes e escolhas fossem reconhecidas e integradas ao processo.

Em contrapartida, em cursos “engessados”, não há essa margem para esse tipo de desenvolvimento mútuo. Com o Lugar de Escuta, o processo é dinâmico e fluido, permitindo que as participantes se expressem livremente, sabendo que suas vozes serão ouvidas e respeitadas, pois a liberdade sem intenção se torna apenas um ruído, autonomia é a construção com sentido. Esse ambiente de escuta e validação fortalece a confiança das participantes, permitindo que se apropriem do processo e o moldem conforme seus próprios interesses e necessidades.

Dessa forma, a flexibilidade e a abertura para adaptações são fundamentais para garantir a eficácia das intervenções, priorizando o diálogo contínuo e a participação da comunidade. A capacidade de aprender com os erros e de se adaptar às necessidades locais fortalece a metodologia participativa, enriquecendo tanto o processo de aprendizado quanto as intervenções realizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilização para o empoderamento feminino em contextos diversos requer uma abordagem que valorize a escuta ativa e a participação coletiva. Exploramos como o conceito de Lugar de Escuta, aliado à prática do Pamonhar, foi fundamental para construir um projeto de extensão na Vila Garcia, promovendo o protagonismo das mulheres.

A territorialização, além do aspecto físico, possibilitou o desenvolvimento de um projeto alinhado às necessidades locais, enquanto o Lugar de Escuta integrou as vozes das mulheres. O Pamonhar destacou a importância do trabalho coletivo e do compartilhamento de saberes no empoderamento feminino.

Apesar da falta de financiamento, a participação das mulheres fortaleceu o projeto e incentivou o protagonismo feminino. A territorialização, o Lugar de Escuta e o Pamonhar ofereceram diretrizes para práticas extensionistas que visam o empoderamento feminino.

O produto educacional desenvolvido, um podcast, visa servir como guia para futuras iniciativas educacionais, incorporando os pilares da desnaturalização do olhar, valorização da diversidade sociocultural e fortalecimento do protagonismo comunitário. Além disso, o projeto aspira ser um catalisador para mudanças, inspirando uma nova abordagem na extensão enraizada na experiência, colaboração e impacto social. Ao compartilhar nossas experiências, buscamos orientar e motivar educadores a adotar abordagens conscientes na extensão.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Maylta Brandão dos; RÔÇAS, Giselle; PEREIRA, Marcus Vinicius. Análise de livre interpretação como uma possibilidade de caminho metodológico. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 3, p. 27-39, dez. 2019.

BRASIL. Ministério da educação. **Educação profissional técnica de nível médio integrado ao ensino médio**. Brasília, 2007.

FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148 p.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça; ALMEIDA, Maria Geralda de. **Pamonha, Identity Food and Territoriality**. Mercator - Revista de Geografia da Universidade Federal do Ceará, Ceará, v. 20, 2021.

MOURA, Maria Suzana de Souza. **A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento**. Revista Terceiro Incluído, v. 6, mai. 2016.

RAMOS, Marise Nogueira. **Implicações políticas e pedagógicas da EJA integrada à Educação Profissional**. Educação e Realidade, v. 35, n. 1, p. 65-85, 2010.

SANTOS, Milton. **O Espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **Por uma economia política da Cidade**. São Paulo: EDUSP, 2009.

_____. **O Papel Ativo da Geografia: um Manifesto**. In: XII Encontro Nacional de Geógrafos, 2000, Florianópolis. Revista Território, ano V, n. 9, p. 103-109, jul./dez.2000.